

AUTORALIDADE E TIPOLOGIA BÍBLICA NO DISCURSO TEOLÓGICO

BIBLICAL AUTHORITY AND TYPOLOGY IN THEOLOGICAL DISCOURSE

Jarbas Vargas Nascimento¹

Mário Acrisio Alves Junior²

Candido Ferreira de Souza Junior³

RESUMO

Nesse artigo, nosso objetivo é examinar como a tipologia bíblica contribui para a construção de uma autorialidade teológica, que se torna singular no interior de um espaço discursivo como uma condição absolutamente necessária. Partimos do pressuposto de que o fenômeno tipológico exerce papel fundamental na organização e funcionamento do discurso constituinte teológico, conferindo um caráter profético a seus enunciados. Esse recurso linguístico-discursivo manifesta o caráter divino-humano do discurso teológico, um modo de organização que está ligado ao processo autoral. O produtor do discurso teológico não fala em nome próprio, mas segue os traços de um Outro invisível, um Absoluto, um hiperenunciador que funda o próprio discurso. Fundamentando-nos, prioritariamente, no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), de acordo com a perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau (1999, 2000, 2001, 2005,) em diálogo com Davidson (2004), entre outros. Seleccionamos, como *corpus*, recortes da epístola bíblica aos hebreus que, no âmbito dos estudos exegético-hermenêuticos, se distingue pelos traços peculiares tanto de sua autoria como da utilização do fenômeno tipológico. Os resultados de nossa investigação comprovam que o *tipo*, como unidade linguístico-semântica intencionalmente empregada no processo autoral do discurso teológico, contribui para a manifestação da voz de um Hiperenunciador, sujeito validante e integrador de toda a enunciação.

Palavras-chave: Discurso Teológico; Autorialidade Teológica; Tipologia Bíblica; Hiperenunciador.

¹ Pós Doutor em Letras pela UNESP, Doutor em Letras (Semiótica e Linguística Geral) pela USP, Mestre em Língua Portuguesa pela PUC-SP, Graduação e Licenciatura Filosofia e em Letras (Português e Francês) pela Faculdade Nossa Senhora Medianeira – SP, Professor Titular do Departamento de Filosofia e Ciências da Linguagem e do Programa de Pós-Graduação em Língua Portuguesa da PUC-SP. Líder do Grupo de Pesquisa Discurso e Cultura - DisCult (PUC-SP).
E-mail: jvnf1@yahoo.com.br

² Professor adjunto do Departamento de Língua e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo. Doutor em Letras Vernáculas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2015) e mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal do Espírito Santo (2011), com pós-doutorado pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2024) e pela Universidade Federal do Espírito Santo (2018). Membro do Grupo de Pesquisa Discurso e Cultura - DisCult (PUC-SP), membro do Círculo Interdisciplinar de Análise do Discurso (CIAD-Rio) e membro do Grupo de Estudos sobre Discurso da Mídia - GEDIM. E-mail: marioalwes@hotmail.com.

³ Doutorando e mestre em Estudos Linguísticos pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), campus Goiabeiras, Vitória, ES, Brasil. Bacharel em Teologia pelo Seminário Bíblico de Vitória, ES, Brasil. Bacharel em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo – UFES. Membro do Grupo de Pesquisa Discurso e Cultura - DisCult (PUC-SP) e membro do Grupo de Estudos sobre Discurso da Mídia - GEDIM. E-mail: pr.candido@imm.org.br

ABSTRACT

In this article, our objective is to examine how biblical typology contributes to the construction of a theological authority, which becomes singular within a discursive space as an absolutely necessary condition. We start from the assumption that the typological phenomenon plays a fundamental role in the organization and functioning of the theological constituent discourse, giving a prophetic character to its statements. This linguistic-discursive resource manifests the divine-human character of theological discourse, a mode of organization that is linked to the authorial process. The producer of theological discourse does not speak in his own name, but follows the traces of an invisible Other, an Absolute, a hyper-enunciator who founds his own discourse. Based primarily on the theoretical-methodological apparatus of French Discourse Analysis (DA), according to the enunciative-discursive perspective proposed by Maingueneau (1999, 2000, 2001, 2005) in dialogue with Davidson (2004), between others. We selected, as a corpus, excerpts from the biblical epistle to the Hebrews which, within the scope of exegetical-hermeneutical studies, is distinguished by the peculiar features of both its authorship and the use of the typological phenomenon. The results of our investigation prove that the type, as a linguistic-semantic unit intentionally used in the authorial process of theological discourse, contributes to the manifestation of the voice of a Hyperenunciator, a validating and integrating subject of the entire enunciation.

Keywords: Theological Discourse; Theological Authority; Biblical Typology; Hyperenunciator.

Considerações Iniciais

A Teologia ocupa espaço fundamental na construção de valores ético-moral-religiosos em nossa sociedade, que se perpetuam no ambiente social na/pela linguagem. A materialidade linguística do *thesaurus* bíblico configura um verdadeiro *archeion* da cultura ocidental, um conjunto de fontes documentais por meio do qual se constituem inúmeros outros discursos. Assim, compreendemos que a Teologia deve ser objeto de análises linguístico-discursivas, configurando um profícuo campo de pesquisa.

A Análise do Discurso de linha francesa (AD) traz em sua gênese uma natureza interdisciplinar, constituindo-se em uma disciplina heterogênea, fronteira a vários campos do saber. A noção de discurso, proposta por Maingueneau (2015), implica a interação de conhecimentos, advindos de diferentes disciplinas, tanto das ciências humanas como sociais, que ativam o que ele chama de “um conjunto aberto de *leitmotiv* de ideias-força” (Maingueneau, 2015, p.25). Por isso, o discurso é apreendido como a intricação de um texto e um lugar social, aquilo que une a estrutura pertencente a uma

organização textual a elementos que compõem uma situação real de comunicação, inclusive as condições sócio-históricas e culturais de produção de seus enunciados.

No presente artigo, tematizamos o estudo da auralidade enunciativa e sua relação com a tipologia bíblica na constituição do discurso teológico. Nosso objetivo é examinar como a tipologia bíblica contribui para a construção de uma auralidade teológica, que se torna singular no interior de um espaço discursivo como uma condição absolutamente necessária ao discurso teológico. Partimos do pressuposto de que o fenômeno tipológico exerce papel fundamental na organização e funcionamento do discurso constituinte teológico, conferindo um caráter profético a seus enunciados. Fundamentando-nos no aparato teórico-metodológico da Análise do Discurso de linha francesa (AD), de acordo com a perspectiva enunciativo-discursiva proposta por Maingueneau (1995, 2000, 2005, 2008, 2009, 2010, 2015, 2020, 2022) em diálogo com as reflexões sobre tipologia bíblica de Davidson (2004), entre outros. Selecionamos como *corpus*, recortes da epístola bíblica aos hebreus que, no âmbito dos estudos exegético-hermenêuticos, se distingue pelos traços peculiares tanto de sua autoria como da utilização do fenômeno tipológico.

No campo da Teologia, a tipologia bíblica se conceitua como uma abordagem que relaciona, nas Sagradas Escrituras, alguns tipos prefigurados no Primeiro ou Antigo Testamento, efetivamente concretizados por sua revelação no Segundo ou Novo Testamento. Tal prefiguração ou prospecção é que garante aos tipos seu caráter profético. Esse recurso linguístico-discursivo-teológico manifesta, assim, a natureza divino-humana do discurso teológico, um modo de organização que está ligado ao processo aural. O produtor do discurso teológico não fala em nome próprio, mas segue os traços de um Outro invisível, um hiperenunciador, que funda e valida o próprio discurso.

Organizamos nosso percurso analítico da seguinte forma: primeiramente, discutimos a auralidade teológica, suas particularidades e nuances discursivas. Em seguida, refletimos sobre o papel que a tipologia bíblica exerce na constituição e na atividade interpretativa do *thesaurus* bíblico. No terceiro tópico, analisamos o *corpus* selecionado, investigando a problemática aural do discurso aos hebreus e o uso do recurso tipológico na constituição dessa auralidade. Por fim, tecemos nossas considerações finais.

A Autoralidade Teológica

Compreendemos que a ideia de autor é uma construção sócio-histórica e cultural, que pode variar de acordo com o momento histórico ou o ambiente social, conforme Foucault (2013). No mundo ocidental, principalmente a partir da segunda metade do séc. XIX e início do séc. XX, o conceito de autor cristalizou-se como algo relacionado aos textos escritos, em especial, àqueles prestigiados, sobre os quais se evoca o *status* de literários ou pertencentes ao campo da Literatura. Contudo, o termo autor envolve algo mais do que a simples produção verbal, uma vez que se relaciona a uma certa identidade discursiva, algo que conecta uma determinada enunciação a uma corporalidade, uma personalidade singular. Foucault (2013) compreende que toda obra implica, necessariamente, a associação de um conjunto de enunciados à expressão de uma certa “consciência”, uma espécie de localizador discursivo, capaz de situar determinada produção enunciativa no interior do universo discursivo. A simples menção de uma instância autoral pode associar um discurso a um campo discursivo, a um gênero de discurso ou mesmo a formações discursivas, que atravessam diversos campos. Assim, esse localizador, ao qual normalmente denominamos “autor”, exerce uma função discursiva fundamental, ou seja, aquela que situa uma obra no jogo discursivo, que se desenvolve em uma dada conjuntura sócio-histórica e cultural.

Tendo em vista a complexidade que envolve a associação entre produtores de discurso e suas produções, Maingueneau (2010) desenvolve a noção de autoralidade, um conceito híbrido, que não se limita a um produtor histórico-social, aquele empírico, de carne e osso, mas envolve a construção de uma instância enunciativo-autoral, aquela corporalidade que confere identidade ao discurso. Essa noção se constitui pela interação entre instâncias heterogêneas, trabalha entre fronteiras e cruzamentos, imbricando o intra e o extra discursivo, o enunciativo e o social, a obra e o produtor, o enunciador e o co-enunciador, uma memória e uma comunidade discursiva. Dessa interação resulta a construção de um *ethos* discursivo, um corpo que assume a produção e, ao mesmo tempo, enuncia no discurso.

[...] Para a análise do discurso, que, para além da oposição texto/contexto, se esforça em pensar a imbricação recíproca de textos e lugares sociais, a autoralidade deveria ser uma questão central. Categoria híbrida, que implica ao mesmo tempo o texto e o mundo do qual este texto participa, o autor é uma **instância que**

enuncia (atribui-se-lhe um **ethos** e a responsabilidade de alguns gêneros de textos, em particular os prefácios), mas também certo estatuto social, historicamente variável. (MAINGUENEAU, 2010, p. 26 – grifos nossos).

De acordo com Maingueneau (2010), a autoralidade envolve três dimensões distintas em torno da denominação autor. Primeiramente, aquela compreendida como *autor-responsável*, instância que responde pelo enunciado, um sujeito produtor de discurso. Não é, porém, nem o enunciador correlato de um texto, nem o escritor empírico, mas uma instância híbrida, que abala essa distinção. A segunda dimensão é aquela denominada de *autor-ator*, uma instância que gera uma trajetória, uma carreira, que pode ser interpretado de diferentes formas, em diferentes lugares, épocas distintas ou mesmo por um posicionamento discursivo. A terceira dimensão é a de *autor-auctor*, aquele que é correlato de uma obra, de um *Opus*. Dessa forma, produtor e produção fundem-se de forma indissociável. Para Maingueneau (2010), um *Opus* será sempre uma produção, que exprime a personalidade singular de seu autor. Essa noção implica, necessariamente, certa visão de mundo dentro de uma determinada comunidade discursiva, certa unidade imaginária de uma consciência coletiva, materializada pelos textos do *auctor*. Vale ressaltar que essa distinção entre as três dimensões é de natureza meramente didática, com o objetivo de melhor compreender os contornos do fenômeno da autoralidade. Na *práxis* enunciativa, elas se imbricam e se atravessam.

Quando relacionamos o discurso teológico ao conceito de autoralidade, percebemos algumas particularidades que se tornam fundamentais no transcurso da nossa análise. O discurso teológico instaura o seu próprio universo de sentidos e estabelece seu próprio pacto enunciativo com os co-enunciadores. No teológico, as cenas de enunciação legitimam o discurso como auto fundante, por meio do qual nascem inúmeros outros discursos em circulação na sociedade. Essa é uma característica peculiar, à qual Maingueneau & Cossuta (1995) relacionam a um agrupamento de discursos, que denominaram discursos constituintes. Esse modo de organização está ligado ao processo autoral fundador, que faz emergir não simples enunciados, mas *inscrição*, uma vez que o produtor desse tipo de discurso não fala em nome próprio, mas segue os traços de um Absoluto, um hiperenunciador que funda o próprio discurso. A Teologia traz em sua essência o entrelaçamento entre o divino e o humano. O produtor não pode atribuir para si a condição autoral, uma vez que a existência de tal discurso

está condicionada ao fato de que seja a fiel expressão da voz da divindade. No campo teológico, os produtores recebem a denominação de *hagiógrafos*, autores que, por inspiração divina, escreveram os livros da Bíblia. Eles produzem enunciados que transcendem toda e qualquer localidade. Falam em nome de Deus, dando voz ao Absoluto que legitima todo o discurso. Em função disso, a voz do produtor/autor precisa, de certa forma, ficar em segundo plano. Para Nascimento (2020b), a especificidade do discurso teológico subordina seus produtores à inspiração divina.

[...] a função do escritor teológico subordina-o à inspiração de Deus e resulta em uma emblemática condição, que torna divino/humano seu papel criador. Por isso, no ato criativo do texto teológico, o sujeito autor neutraliza-se a si próprio e oculta sua efêmera identidade, mas deixa rastros, para dar vida e voz ao hiperenunciador. Em consequência dessa indecifrável condição, a relação entre o escritor e o hiperenunciador se instaura como uma fronteira, onde eles se cruzam para pôr em funcionamento o discurso (NASCIMENTO, 2020a, p.24).

A *inscrição* se implanta por meio de cenografias que engendram um modo de enunciação específico, um código linguageiro próprio, uma dimensão espaço-temporal construída no/pelo discurso. Um processo de repetição constitutiva, que reúne enunciados que se instalam em uma rede saturada de outros enunciados. Uma memória discursiva, gerida por comunidades discursivas que se perpetuam no ambiente social. Assim, o discurso teológico constrói sua própria emergência no interdiscurso e visa a estabelecer como discurso primeiro por meio de uma complexa relação enunciativa. Essa relação só se torna possível devido à natureza do processo criador-autoral. Na verdade, um processo que imbrica a instância produtora/autoral às vozes que enunciam, os co-enunciadores e a manifestação de um hiperenunciador, sujeito validante e integrador de toda a enunciação, aquele que confere *status* constituinte ao discurso. Segundo Nascimento (2020a), ao introduzir o hiperenunciador na cena teológica, o produtor do discurso o faz de forma consciente, por meio de um código linguageiro próprio, afeito à comunidade discursiva que gerencia a circulação desses enunciados. Assim, ao mesmo tempo em que o produtor deixa marcas próprias, ele se apaga, para que a voz do hiperenunciador se sobressaia.

Um entendimento claro do que estamos propondo só se torna, realmente, possível em uma perspectiva, que considere o autor

teológico como aquele que assume a função de apresentar-se a si por meio de um código linguageiro, que o particularize como escritor, mas que a ele implique uma condição de ser e não ser o criador de seu próprio discurso (NASCIMENTO, 2020a, p.20).

Maingueneau (2008) denomina esse sistema de participação, que funde “participar” e “citação” em uma só visada. Uma embreagem paratópica que une o extra e o intradiscorso, cujo eixo central e estabilizador se configura na pessoa de um sujeito hiperenunciador, aquele que legitima o discurso e, ao mesmo tempo, é fundado por ele. Os enunciados produzidos pelo discurso teológico são rotineiramente reempregados em diversos gêneros de discurso, sem a necessidade de explicitar a sua fonte, uma vez que constituem um *thesaurus* da produção verbal, mobilizado por uma dada comunidade discursiva. O hiperenunciador é percebido por seus traços invisíveis, pela forma de coesão e coerência dos enunciados, por uma *dêixis* discursiva engendrada pelo próprio discurso. Esse hiperenunciador valida não apenas o discurso, mas a própria comunidade discursiva, que se movimenta na produção, circulação e gerenciamento da enunciação teológica.

Percebemos, portanto, que o apagamento da voz do produtor/autor no discurso teológico se evidencia pela manifestação de um hiperenunciador, que se configura na pessoa do próprio Deus. Dessa forma, o conceito de autorialidade torna-se intimamente relacionado ao entrelaçamento entre o divino e o humano, característica fundamental do discurso constituinte teológico. A identidade que os autores bíblicos conferem às suas produções é exatamente aquela que demarca o teológico como a voz do Transcendente, a voz de Deus. Para isso, é fundamental que eles se mostrem habitados por essa corporalidade, pelo Absoluto, que faz com que o discurso seja autoconstituente. Nascimento (2020a, p.29) enfatiza ainda que a instauração desse hiperenunciador no processo enunciativo “[...] causa uma tensão e evidencia uma transformação no discurso, mas, ao mesmo tempo, propõe um acordo, pois ele é a única instância capaz de validar e legitimar esse tipo de discurso.”

O hiperenunciador no discurso teológico é aquele que Maingueneau (2008) define como individuado, uma vez que a encenação teológica movimenta a figura do sujeito Jesus, verbo encarnado, 100% homem e 100% Deus. Ou seja, um sujeito paratópico por excelência. Em Jesus, o Absoluto que legitima e integra o discurso se materializa na forma humana. Ele é a expressão do próprio Deus, posição reivindicada

pela enunciação teológica: “Eu e o Pai somos um” (João 10:30 - Bíblia Sagrada, 1998, p.1504).

Assim, a autoralidade teológica só pode ser compreendida por meio desse entrelaçamento mútuo entre autor e hiperenunciador. Entendemos que não há como falar de autoralidade no discurso constituinte teológico sem relacioná-la ao seu ato criador *sui generis* e ao conceito de hiperenunciador. Essas categorias, definitivamente, se imbricam e se nutrem mutuamente na constituição do discurso, definindo sua condição fundadora e emergência no interdiscurso. Essa complexa relação produtora-enunciativa caracteriza um tipo de autoralidade que estabelece o discurso teológico como constituinte. Uma autoralidade fundadora, que não só define a identidade do discurso como todos os seus parâmetros de enunciabilidade, conforme Maingueneau (2010, p. 170): “[...] esses estatutos condicionam o conjunto dos parâmetros de suas enunciações: desde a autoridade de seus locutores até seu modo de circulação e de consumo.”

Tipologia bíblica na constituição do discurso teológico

Tradicionalmente, o paradigma que orienta leitores e intérpretes no exercício de compreensão das Sagradas Escrituras, as quais, designamos aqui como Discurso Teológico, é o da Hermenêutica. Geralmente, sempre foi atribuída ao teólogo a tarefa de interpretar o texto bíblico a partir de uma série de critérios e regras, o que, ao longo do tempo, consagrou a Hermenêutica como uma ciência. Erudito e profícuo conhecedor das Escrituras, Lund (1968) reproduz a primeira regra da hermenêutica, afirmando ser a Bíblia sua própria intérprete, o que, em outras palavras, significa que as respostas para o intérprete estarão sempre no texto bíblico, o qual nunca se contradiz, mas sempre se complementa.

No âmbito da linguística, também é relevante considerarmos as relações intratextuais, que nos possibilitam observar, por exemplo, o que a materialidade verbal de um discurso tem a oferecer ao leitor em sua atividade interpretativa. Contudo, para o exame mais apurado de um discurso, há, ao dispor do linguista, a possibilidade de se contemplar outras dimensões para além de uma proposta unicamente teológica. Nesse sentido, é relevante uma reflexão sobre o discurso teológico pela ótica da linguística, uma vez que ela não apenas possibilita a aplicação de proposições e categorias nem

sempre conhecidas na seara da tradição teológica, mas permite tomar o teológico como objeto de investigação pela via dos estudos do discurso.

A propósito da linguagem bíblica, admitimos que certos elementos metafóricos e alegóricos participam da efetiva constituição do discurso teológico e expressam, em caráter figurativo, a natureza simbólica característica das Escrituras. De maneira particular, chamamos a atenção para o fenômeno da tipologia.

A tipologia bíblica exerce um papel fulcral nas Escrituras, na atividade interpretativa do texto bíblico e no âmbito dos estudos teológicos. Trata-se do emprego de recursos de linguagem denominados *tipos* que, no Antigo ou Primeiro Testamento figuram prospectivamente, pessoas, objetos ou eventos, que se concretizam posteriormente, no eixo neotestamentário.

Disso decorre a natureza profética dos tipos e de outras estruturas de linguagem pois, de fato, tais elementos constituem uma espécie de “sombra” de um real correspondente, como ilustra o emblemático exemplo da serpente de bronze levantada por Moisés (cf. relato em Números 21), como um sinal das consequências do pecado, que fere a relação de Deus com seu povo. Essa sombra ou alusão veterotestamentária encontrará correspondência no sacrifício de Jesus, erguido numa cruz para ser morto e, assim, devolver ao homem a possibilidade de reconciliação com o Pai.

Aliás, essa fina relação entre a primeira e a segunda alianças ou testamentos bíblicos é estudada por Alves Junior & Nascimento (2023), que se dedicam a defender a hipótese de que a tipologia, dada sua natureza profética, é um dos pontos favoráveis na sustentação de uma visão não-dicotômica entre o Primeiro e o Segundo Testamento. Essa postura, pelo viés dos estudos linguísticos, atesta a unidade do texto bíblico desde Gênesis até o Apocalipse, respectivamente, primeiro e último livro das Escrituras.

A fim de ampliarmos a compreensão acerca da tipologia, consideramos pertinentes as palavras de Davidson (2004):

A Tipologia pode ser definida como um empenho hermenêutico por parte dos escritores do Novo Testamento, como um estudo das realidades históricas da salvação no Antigo Testamento, ou dos “tipos” (pessoas, eventos, instituições) os quais Deus especificamente designou para corresponder e prefigurar preditivamente os aspectos de seu intensificado cumprimento antitípico (DAVIDSON, 2004, p.61).

Na definição acima, salta-nos aos olhos o destaque atribuído aos escritores do Novo Testamento, ao apresentarem em seus relatos os fatos concretos prefigurados pelos escritores do Antigo Testamento. O “empenho hermenêutico”, assim, revela o comprometimento desses autores com o desvelamento das profecias e, em consequência, da comprovação da correspondência entre os dois Testamentos, advogando, portanto, em favor da inequívoca unicidade das Escrituras.

Se a hermenêutica bíblica, como matriz interpretativa teológica, atribui maior foco ao tipo, como unidade linguístico-semântica, tendo em vista sua configuração verbal, o objetivo aqui é, pela via dos estudos da linguagem, examinar o processo que resulta não em um mero produto ou signo verbal, mas em uma figura de mediação entre a “sombra” veterotestamentária e o objeto, a pessoa, o acontecimento ou a mensagem revelada concretamente no discurso neotestamentário. Vale ressaltar, por conseguinte, que essas figuras, intencionalmente empregadas em circunstâncias de produção determinantes para a compreensão global dos processos de constituição do discurso teológico, são importantes para o entendimento de uma visada profética, traço distintivo não apenas nos registros dos profetas, mas também nos livros poéticos, nos históricos e, de forma peculiar, na *Torah*.

A investigação que ora propomos corresponde às expectativas de leitura do Antigo Testamento não apenas em uma perspectiva literária, histórica ou filosófica pois, do ponto de vista das ciências da linguagem, trata-se de uma leitura do Antigo em função dos Evangelhos, postura que encontra apoio tanto na tradição hermenêutica protestante quanto na católica, sobretudo, quanto à segunda, a partir do *Vatican II*, na década de 1960.

Além disso, no que tange à cosmovisão judaico-cristã, nossa proposta parece manter contato com o sentido do termo *midrash*, de raiz hebraica, nome dado a “estudos feitos a partir das Escrituras, independentemente de sua natureza” (cf. site judeu.org). A afirmação tem mérito, na medida em que nosso empreendimento é um estudo de natureza discursiva desenvolvido “a partir das Escrituras”.

Particularmente no discurso de Paulo aos hebreus, a clareza como a tipologia se configura como fenômeno profético concretizado em Jesus Cristo, além de legitimar a correspondência entre o primeiro e o segundo testamentos bíblicos, salta aos olhos pela forma como a instância autoral constrói o referido discurso, engendrando essa tipologia explícita como um traço de sua identidade. Ao pregar, por exemplo, a supremacia de

Cristo em relação a Moisés, o autor esclarece o fundamento da tipologia bíblica, a qual implica sempre em uma sombra ou tipo, no caso, Moisés, e a realidade projetada por essa sombra (antítipo), Cristo.

Autoralidade e tipologia bíblica no discurso aos hebreus

Dois elementos fundamentais fazem com que o discurso aos hebreus seja um registro peculiar no conjunto da produção teológica do Segundo Testamento: o primeiro diz respeito a uma complexa discussão autoral, uma vez que, diferentemente das demais epístolas neotestamentárias, a instância autoral em nenhum momento é identificada explicitamente; o segundo, é o uso intenso e minucioso do fenômeno tipológico, em especial aquele relativo ao tabernáculo de Moisés e ao sacerdócio judaico no Primeiro Testamento, a fim de explicar o sacrifício vicário de Cristo.

Na teologia e na história do Segundo Testamento bíblico, verificam-se desacordos no que tange à autoria da chamada “epístola” aos hebreus. Atualmente, há um certo consenso de que não existem dados e pistas suficientemente satisfatórios que advoguem pela precisa conclusão a respeito da instância responsável pela escrita da obra. De acordo com Gundry (1978, p.371), a tradição da Igreja em relação à autoria de hebreus manifesta-se “[...] em tons incertos”. Enquanto a porção oriental da Igreja, nos primeiros séculos da era cristã, creditava a produção do discurso ao apóstolo Paulo, a porção ocidental questionava essa autoria. Um dos motivos para esse questionamento é o fato de que nenhuma das epístolas atribuídas a Paulo é anônima. Em todas, o autor se apresenta logo nas primeiras linhas, conforme observamos, por exemplo, em Romanos: “Paulo, servo de Jesus Cristo, chamado para ser apóstolo, separado para o evangelho [...]” (Romanos 1:1 – Bíblia Sagrada, 1998, p.1583). Outra questão que faz questionar a autoria paulina é o estilo literário no texto grego original. Em Hebreus, temos um grego mais polido, erudito, diferente daquele utilizado pelo apóstolo. Carson, Moo & Morris (1997, p.437) afirmam: “[...] O grego de Hebreus é mais refinado que o de Paulo e a qualidade da retórica é notável”. Esses autores questionam a própria classificação dada ao discurso, tradicionalmente reconhecido como uma epístola. Uma das características marcantes das epístolas bíblicas é justamente a apresentação do autor e seus destinatários logo no primeiro parágrafo, como uma espécie de preâmbulo. Isso não acontece em Hebreus, o que nos faz supor que, originalmente, o discurso tenha sido

produzido como uma homilia ou uma série de homilias, sendo, posteriormente, colocado na forma escrita.

Segundo Ladd (1997, p.529), “As questões de autoria e destino da epístola aos hebreus são problemas insolutos.” Não obstante, o discurso se estabeleceu no Canon do Novo Testamento ao ponto de não ser questionado nem pela tradição Católica e nem pela Protestante. O grande valor de carta aos hebreus está relacionado ao seu conteúdo teológico. Clemente de Roma, por volta do ano 95 d.C., já menciona trechos de Hebreus em seus escritos. Também Jerônimo e Agostinho, no séc. IV, utilizam citações de Hebreus em suas discussões teológicas. Já Lutero, no séc. XVI, faz uso contundente de Hebreus em seus argumentos teológicos em favor da salvação pela graça. Ele, inclusive, levanta a hipótese de que Apolo, citado no livro de Atos como um importante líder neotestamentário, tenha sido o autor da obra, conforme Carson, Moo & Morris (1997, p.438).

O tema central de Hebreus é a supremacia de Cristo em relação a qualquer outra forma de revelação da divindade. Para Gundry (1978), a estrutura retórica do discurso pode ser resumida da seguinte forma: 1) Cristo é superior aos profetas do Antigo Testamento; 2) Cristo é superior aos anjos; 3) Cristo é superior à Moisés. Ladd (1997) enfatiza a importância da cristologia desenvolvida em Hebreus. Jesus é apresentado como 100% Deus, mas também como 100% homem. Ele é o “autor e consumidor de nossa fé” (Hebreus 12:2); é o criador e sustentador de todas as coisas, mas também é o Sumo Sacerdote que se identifica com as necessidades humanas.

Hebreus tem uma alta cristologia explícita. A preexistência de Cristo é mencionada no próprio começo. Foi através de Cristo que Deus criou o mundo (1:2). Também Cristo, pela palavra do seu poder, sustenta o Universo (1:3). Ele reflete a glória de Deus e expressa a própria imagem de sua natureza (1:3). (LADD, 1997, p.534).

O recurso tipológico é amplamente empregado em todo o discurso. A tensão entre os ritos do Primeiro Testamento bíblico e a graça salvadora anunciada no Segundo Testamento é equacionada na medida em que esses mesmos rituais são considerados como figuras que tipificavam a obra vicária de Jesus. Para Souza Junior (2015), o discurso aos hebreus faz uma releitura do Tabernáculo erguido por Moisés no deserto do Sinai (1.300 a.C.), revelando-nos como os elementos presentes no Tabernáculo e o próprio ofício sacerdotal apontavam para uma realização futura em Cristo. A tenda de

Moisés representava a própria habitação de Deus nos céus e, por meio da obra do Filho de Deus, também a habitação do Espírito Santo no interior de cada ser humano.

[...] Deus permitiu a Moisés construir algo físico aqui na Terra que era uma representação, “figura”, do próprio local da habitação de Deus nos Céus. Em hebraico a palavra Tabernáculo é *mishkan*, que traz a ideia de “moradia”, local da habitação do Eterno Deus (SOUZA JUNIOR, 2015, p.16).

Os evidentes paralelismos traçados em Hebreus entre as figuras dos sacerdotes, do Tabernáculo - incluindo-se os diversos elementos que o compõem interna e externamente - e a efetiva revelação desses tipos ou “sombras” veterotestamentárias concretizadas em Cristo, nos fazem levantar a hipótese acerca da estreita relação entre o fenômeno tipológico e o conceito de autoralidade. A instância autoral engendra o mecanismo da tipologia a fim de dar voz a um hiperenunciador, que valida e sustenta todo o discurso. Com o propósito de verificar essa hipótese, selecionamos para análise dois recortes da perícopa em Hebreus, capítulo 9. Dentro de uma dêixis espaço-temporal do discurso, o capítulo 9 pode ser compreendido como uma espécie de resumo de todo o argumento teológico desenvolvido em Hebreus. Além disso, é possível perceber claramente tanto o uso do recurso tipológico como a manifestação de um hiperenunciador como o garante de toda a enunciação. Segue o primeiro recorte:

⁶ Ora, depois de tudo isto assim preparado, continuamente entram no primeiro tabernáculo os sacerdotes, para realizar os serviços sagrados;

⁷ mas, no segundo, o sumo sacerdote, ele sozinho, uma vez por ano, não sem sangue, que oferece por si e pelos pecados de ignorância do povo,

⁸ querendo com isto dar a entender o Espírito Santo que ainda o caminho do Santo Lugar não se manifestou, enquanto o primeiro tabernáculo continua erguido.

⁹ É isto uma parábola para a época presente; e, segundo esta, se oferecem tanto dons como sacrifícios, embora estes, no tocante à consciência, sejam ineficazes para aperfeiçoar aquele que presta culto,

¹⁰ os quais não passam de ordenanças da carne, baseadas somente em comidas, e bebidas, e diversas abluções, impostas até ao tempo oportuno de reforma.

¹¹ Quando, porém, veio Cristo como sumo sacerdote dos bens já realizados, mediante o maior e mais perfeito tabernáculo, não feito por mãos, quer dizer, não desta criação,

¹² não por meio de sangue de bodes e de bezerros, mas pelo seu próprio sangue, entrou no Santo dos Santos, uma vez por todas, tendo obtido eterna redenção.

(Hebreus 9: 6-12 – BÍBLIA SAGRADA, 1998, p.1716).

O recorte selecionado apresenta elementos linguísticos-discursivos que traduzem de forma explícita a ocorrência da tipologia em função de um querer dizer do hiperenunciador. As sequências 8, 9 e 10 traduzem bem essa observação, uma vez que nessas porções discursivas são mencionados:

- "o primeiro tabernáculo" (sequência 8) - expressão que sugere a existência de outros tabernáculos, como o erguido pelo Rei Davi, ou o definitivo e "perfeito tabernáculo", no qual só é possível adentrar pela expiação vicária de Jesus Cristo.
- "uma parábola" (sequência 9) e "ordenanças" (sequência 10) - expressões que se referem ao tipo veterotestamentário como uma "sombra" ou prenuncio do que haveria de ser revelado unicamente em Cristo.
- "tempo oportuno de reforma" (sequência 10) - alusão à nova ordem ou nova aliança, concretizada pela obra expiatória de Jesus, como uma contrapartida à antiga ordem, de natureza legalista. Se antes eram impostas rígidas "ordenanças exteriores", como restrições alimentares e cerimônias de purificação, a nova ordem encontra, na supremacia de Cristo e de seu sacrifício, o acesso ao perdão e à salvação mediante a graça, a qual por sua vez, tem primazia sobre a lei.

Nessas ocorrências, o ponto de partida para a leitura do fenômeno tipológico são elementos e acontecimentos terrenos, baseados em uma forma de obediência que não leva em conta a intenção do Ser interior. Por exemplo, sacrificar animais pelo perdão dos pecados na cena da antiga aliança não implica necessariamente arrependimento genuíno. A nova aliança, porém, se caracteriza pela intenção do coração, pelo arrependimento e pelo perdão mediante a graça de Deus àqueles dispostos a voltar seus corações a Ele.

Ao engendrar a tipologia na cena enunciativa, o produtor do discurso, buscando a adesão dos seus co-enunciadores, procura demonstrar uma íntima relação com o Espírito Santo, conforme observamos na sequência 8: “querendo com isto dar a entender o Espírito Santo”. Somente alguém habitado pela própria divindade pode desvendar os mistérios contidos na tipologia proposta pelo Primeiro Testamento e que

alcançam a sua concretude no Segundo Testamento, por meio de Cristo. Com efeito, o desvendamento desses mistérios configura uma estratégia linguístico-discursiva a fim de demonstrar que o produtor do discurso não fala em nome próprio, mas torna-se o legítimo representante do Absoluto que legitima toda a enunciação, um hiperenunciador individuado, qual seja, o próprio Deus.

As sequências 11 e 12 evidenciam essa estratégia, na medida em que o produtor descreve as ações praticadas pelo próprio Cristo. Ele é o “sumo sacerdote” do “perfeito tabernáculo”, não feito por mãos humanas, “não desta criação”. O produtor demonstra ter acesso a um conhecimento que foge à dimensão meramente física e humana. Os enunciados ganham um caráter divino-profético. Aquilo que era tipificado por meio do sangue de “bodes e carneiros” ganha verdadeira forma no sacrifício vicário de Cristo, um ato de amor capaz de trazer “eterna redenção” ao ser humano.

Processo semelhante pode ser observado no segundo recorte, conforme segue:

²³ Era necessário, portanto, que as figuras das coisas que se acham nos céus se purificassem com tais sacrifícios, mas as próprias coisas celestiais, com sacrifícios a eles superiores.

²⁴ Porque Cristo não entrou em santuário feito por mãos, figura do verdadeiro, porém no mesmo céu, para comparecer, agora, por nós, diante de Deus;

²⁵ nem ainda para se oferecer a si mesmo muitas vezes, como o sumo sacerdote cada ano entra no Santo dos Santos com sangue alheio.

²⁶ Ora, neste caso, seria necessário que ele tivesse sofrido muitas vezes desde a fundação do mundo; agora, porém, ao se cumprirem os tempos, se manifestou uma vez por todas, para aniquilar, pelo sacrifício de si mesmo, o pecado.

(Hebreus 9:23-26 – BÍBLIA SAGRADA, 1998, p.1717).

As sequências 23 a 26 enfatizam o caráter divino-profético afeito à tipologia bíblica. As referências a elementos da primeira aliança como “figuras” (sequências 23 e 24), que anunciavam prospectivamente os fatos concretos do porvir, ou seja, da nova aliança, corroboram essa nuance profética dos tipos, ao mesmo tempo em que participam diretamente do discurso do hiperenunciador acerca das “coisas que se acham nos céus” (sequência 23), sobre as quais apenas a divindade tem acesso e, logo, legitimidade para enunciar.

O produtor do discurso, mais uma vez, engendra uma cenografia que transcende ao mundo físico ou humano. Ele discorre sobre fatos ocorridos “no céu”, algo que está

além daquilo que um ser humano comum pode ter conhecimento. Ao explicar os tipos utilizados no Primeiro Testamento, que se concretizam no Segundo Testamento por meio de Cristo, ele se mostra habitado pela própria divindade, dando voz ao hiperenunciador. Dessa forma, percebe-se a mesma estratégia linguístico-discursiva utilizada no primeiro recorte. Ao revelar os mistérios contidos na tipologia veterotestamentária, o produtor procura legitimar-se como um perfeito porta voz de Deus, objetivando a adesão dos seus co-enunciadores, na medida em que se mostra habitado pelo divino, pelo Transcendente. Ele não produz meros enunciados, mas *inscrição*.

Percebemos, portanto, que o tipo é utilizado intencionalmente. A revelação da concretidade tipológica no Segundo Testamento torna-se um hábil mecanismo pelo qual o produtor do discurso se mostra habitado pela divindade. Ele é capaz de trazer luz aos mistérios contidos na tipologia, uma vez que enuncia em nome do próprio Deus. Assim, o recurso tipológico contribui decisivamente para a construção de uma autoralidade teológica que se torna singular, instaurando o seu próprio universo de sentidos e estabelecendo seu próprio pacto enunciativo com os co-enunciadores. A tipologia torna-se constituinte desse modo de organização *sui generis*, que está intimamente ligado ao processo autoral fundador, ao entrelaçamento entre o divino e o humano, fazendo emergir a voz do hiperenunciador.

Nos recortes selecionados, verificamos que o produtor do discurso utiliza um código linguageiro afeito à comunidade discursiva que gerencia a circulação e inserção do discurso bíblico. A relevância teológica de Hebreus se instaura por meio de uma *deixis* espaço-temporal construída no/pelo discurso. Itens lexicais como “céu”, “pecado”, “redenção”, ligados a tipos como “Tabernáculo”, “sacerdote”, “sacrifícios”, remetem a uma rede saturada de outros enunciados que conectam o discurso aos hebreus com toda a produção do *thesaurus* bíblico, seja no Primeiro ou no Segundo Testamentos. Mesmo que haja discussões em torno da instância autoral responsável pelo discurso, o aspecto que sobressai é a legítima manifestação do hiperenunciador, algo próprio da natureza dos textos inspirados.

Assim, na análise do discurso aos hebreus, compreendemos que o recurso tipológico é utilizado na articulação entre o divino e o humano, entre o produtor do discurso e o hiperenunciador, tornando-se uma condição absolutamente necessária nessa complexa relação criadora-enunciativa que demarca a autoralidade teológica. Uma

autoralidade fundadora, que não só define a identidade do discurso como constituinte, mas também delimita todos os seus parâmetros de enunciabilidade.

Considerações finais

No presente artigo procuramos examinar como a tipologia bíblica contribui para a construção de uma autoralidade teológica que se torna singular no interior de um espaço discursivo como uma condição absolutamente necessária. Partimos do pressuposto de que o fenômeno tipológico exerce papel fundamental na organização e funcionamento do discurso constituinte teológico, conferindo um caráter profético a seus enunciados. Seleccionamos como *corpus* recortes da epístola bíblica aos hebreus que, no âmbito dos estudos exegetico-hermenêuticos, se distingue por uma complexa discussão autoral, bem como pela intensa utilização da tipologia na construção dos seus argumentos teológicos.

A análise empreendida demonstra que o produtor do discurso engendra o fenômeno tipológico na cena enunciativa de forma intencional, com o objetivo de conquistar a adesão dos seus co-enunciadores, criando uma cenografia divino-profética afeita ao discurso teológico. Ao revelar os mistérios contidos nos tipos veterotestamentários e que se concretizam em Cristo, o produtor procura legitimar-se como alguém habitado pelo divino, pelo Transcendente, dando voz ao hiperenunciador que valida toda a enunciação, a saber, o próprio Deus.

Assim, o discurso se implanta por meio de cenografias que engendram um modo de enunciação específico, um código linguageiro próprio, uma dimensão espaço-temporal construída no/pelo discurso. O fenômeno tipológico é utilizado na articulação entre o divino e o humano, estabelecendo um vínculo entre o produtor do discurso e o hiperenunciador, tornando-se, então, uma condição absolutamente necessária nessa complexa relação criadora-enunciativa que demarca a autoralidade teológica.

Concluimos, portanto, que o recurso tipológico contribui decisivamente para a construção de uma autoralidade teológica que se torna singular, instaurando o seu próprio universo de sentidos e estabelecendo seu próprio pacto enunciativo com os co-enunciadores. A tipologia está intimamente ligada ao processo autoral fundador, ao modo de organização *sui generis* afeito ao discurso teológico, que entrelaça o divino e o

humano, fazendo emergir a voz do hiperenunciador, sujeito validante de toda a enunciação.

Referências

ALV ES JR., M.A.A.; NASCIMENTO, J.V. Tipologia bíblica e semiotização no discurso teológico. In: revista **Contextos Linguísticos**, v.17, n.38, 2023, p. 67-82.

BARTHES, Roland. A morte do autor. In_____ **O rumor da língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BÍBLIA SAGRADA. Português. **Bíblia Shedd**. Versão Almeida Revista e Atualizada - SBB. São Paulo: Vida Nova, 1998.

CARSON, D.A.; MOO, D. J.; MORRIS, L. **Introdução ao Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

DAVIDSON, F. (Org). **O novo comentário da Bíblia**. São Paulo: Vida Nova, 1994.

DAVIDSON, R. M. A natureza e identidade da tipologia bíblica: questões cruciais. Tradução de Ozeas Caldas Moura. In: **revista Hermenêutica**, 2004, p. 61-99.

DOUGLAS, J. D (Org.). **O novo dicionário da Bíblia**. Tradução de João Bentes. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1995.

FOUCAULT, Michel. O que é um autor? In_____ **Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema**. Manuel Barros de Mota (Org). Tradução: Inês Autran Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GUNDRY, R. H. **Panorama do Novo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1997.

HARRIS, R. L. (Org.) **Dicionário internacional de teologia do Antigo Testamento**. São Paulo: Vida Nova, 1999.

JOSEFO, Flávio. **História dos Hebreus**. Rio de Janeiro: CPAD, 1990.

LADD, G. E. **Teologia do Novo Testamento**. São Paulo: Exodus, 1997.

LUND, E. **Hermenêutica**: regras de interpretação das sagradas escrituras. Tradução de Etuvino Adiers. Editora Vida, 1999.

MAINGUENEAU, Dominique. & COSSUTTA Frederic. L'analyse des discours constituants. **Langages**, n. 29, pp. 112-125, Paris, 1995.

MAINGUENEAU, Dominique. Analisando discursos constituintes. **Revista do GELNE**, v. 2, n. 1, 2000. p. 1-12.

MAINGUENEAU, Dominique. **Gênese dos discursos**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2005.

MAINGUENEAU, Dominique. **Cenas da enunciação**. Sírio Possenti; Maria Cecília Péres Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2008.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso literário**. Tradução de Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Sírio Possenti; Maria Cecília Péres Souza-e-Silva (Orgs.). São Paulo: Parábola, 2010.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Tradução de Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. **Variações sobre o ethos**. Tradução de Marcos Marcionilio, 1. ed. São Paulo: Parábola, 2020.

MAINGUENEAU, Dominique. **Enunciados Aderentes**. Tradução Sírio Possenti, 1. Ed. São Paulo: Parábola, 2022.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas *et alii*. **A parábola do filho pródigo**. São Paulo: LPB, 2009.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. Paratopia, autoralidade teológica e hiperenunciador. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas; CANO, Márcio Rogério de Oliveira; ELIAKIM, Jônatas. **Paratopia**. São Paulo: Blucher, 2020a.

NASCIMENTO, Jarbas Vargas. O discurso teológico como discurso constituinte. In: NASCIMENTO, Jarbas Vargas & FERREIRA, Anderson. **Discursos constituintes**. São Paulo: Blucher, 2020b.

SOUZA JUNIOR, Candido Ferreira de. **Voz profética** – o Tabernáculo de Deus na Terra. Vila Velha: Above Publicações, 2015.

SOUZA JUNIOR, Candido Ferreira de. **As minorias sociais nos espaços de constituição do teológico no gênero de discurso parábola**. 2020, 127f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2020.